# MULHER, NEGRA E CATADORA DE LIXO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO, IDENTIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL.

Ana Nelcinda Garcia Vieira (PPGL-UFSM)

Vera Lúcia Pires (orientadora)

**RESUMO:**Historicamente as mulheres têm desempenhado papéis secundários na sociedade ocidental, em sua maioria, são educadas desde a infância para atuarem na vida doméstica e para desempenharem socialmente funções diferenciadas e de menor expressividade. Nesse sentido, percebe-se que as mulheres negras na linha da pobreza, excluídas ou em via de exclusão social são vozes ainda menos expressivas em nossa sociedade. O objetivo deste trabalho é analisar o discurso oral de uma mulher negra catadora de lixo da cidade de Santa Maria. Para tanto, são considerados de grande importância fatores como: classe social, raça e gênero, por entendermos que esses são relevantes na construção dos discursos dos sujeitos e na construção de suas identidades.

Palavras chave: discurso, mulher negra, identidades.

## Introdução

Com relação às diferenças entre mulheres e homens, são muito evidentes no âmbito social. As mulheres são responsáveis pela maternidade não apenas biologicamente, são efetivamente atribuições femininas: cuidar dos filhos e da casa. Historicamente a mulher foi diferenciada do homem e colocada em situação de segundo plano na sociedade. Para Saffioti (2003, p. 56) "ser mulher não apenas é diferente de ser homem, como também implica inferioridade, desvalorização, opressão".

Na vida social, a mulher ocupa historicamente lugares menos expressivos. Segundo Scott (1995, p.73) "as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos", são eles: "classe, raça e gênero". Daí, a importância de se estudar o discurso feminino levando em conta esses eixos que possibilitam que se possa também avaliar as relações de poder da estrutura social em que interagem os sujeitos. E, ainda, em que medida elas influenciam nas diferenças, além de como esses fatores influem no discurso do sujeito.

Segundo Saffioti (2003, p. 58), "as diferenças não se inscrevem no plano natural ou divino e sim no social". Dessa forma, considera-se importante analisar o discurso de mulheres negras catadoras de lixo, levando-se em consideração que o papel social desempenhado por mulheres e homens é diferente.

As mulheres negras catadoras de lixo passam muitas vezes despercebidas pela sociedade a maioria das pessoas age como se essas pessoas não estivessem pelas ruas da cidade. Elas

carregam suas trouxas, suas carroças, seus filhos, atrapalham o trânsito, reviram as lixeiras, e, mesmo assim não são vistas. Talvez porque vê-las nos incomode profundamente, suas mazelas de vida nos comove, mas não podemos nos deixar atingir por elas. Mas, mesmo assim, elas se rebelam todos os dias na luta pela sobrevivência, na esperança de conquistar um lugar mais confortável na sociedade globalizada. Que só é global com relação aos interesses econômicos, pois segrega a multiculturalidade.

O contexto social no qual se desenvolve esta pesquisa reflete o atual momento histórico brasileiro e mundial, em que as desigualdades sociais entre os seres humanos se acentuam cada vez mais. E neste cenário de desigualdades, possivelmente as mulheres negras sejam as maiores vitimas, devido ao modelo de sociedade que privilegia aos interesses masculinos. Além disso, ao longo da história estudos comprovaram que estereotipo homem branco se constitui o modelo ideal.

Nossa sociedade, que no passado preparava as mulheres para a vida doméstica e a criação dos filhos, hoje oferece poucas condições de estudo e preparo para a vida profissional, principalmente às mulheres de baixa renda. Dessa forma, obriga muitas delas a submeterem-se ao trabalho informal, sem nenhum direito trabalhista, com uma jornada diária de trabalho maior que a estabelecida por lei. Além disso, em muitos casos trabalham em atividades insalubres como é o caso das catadoras de lixo.

Tal estudo lingüístico de gênero é relevante à medida que reflete um momento social e histórico atual, além de deter-se a esta classe de trabalhadoras com um diferencial que é sua situação de subclasse (excluídas socialmente) segundo Bauman (2005).

## Gênero

Ao nascer somos distinguidos pelo sexo, e a partir daí as crianças serão educadas para desempenhar diferentes papéis, os meninos serão educados para serem fortes, e ocuparem as posições de comando da família, dos estabelecimentos comerciais, das repartições públicas, enfim, posições de maior destaque da sociedade. Quanto às meninas, quando crianças brincam de casinha, cuidando dos bebês, sendo preparadas pela sociedade para serem dóceis e obedientes aos comandos masculinos, e assim serem as "rainhas do lar". Dessa forma o masculino atua no espaço público e o espaço privado fica para o feminino.

Assim, os sujeitos vão se identificando como femininos e masculinos, como diferentes. No entanto, o papel feminino não somente se coloca como distinto do masculino como também, socialmente tem *status* de menos relevante.

Segundo Louro (1995, p.193), "gênero é mais do que uma identidade aprendida é uma categoria imersa nas instituições sociais", os sujeitos nas vivências de práticas sociais vão construindo identidades de gênero de acordo com os valores que norteiam a sociedade em que vivem.

As mulheres ao longo da história têm desempenhado papéis secundários na sociedade ocidental, o domínio masculino se faz presente em todas as esferas sociais. As mulheres público alvo desta pesquisa são em sua maioria chefes de família, o que não é diferente do resultado das últimas pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que constatou que em grande parte das famílias brasileiras as mulheres são responsáveis pelo sustento e a criação dos filhos.

Segundo Caldas-Coulthard (2000), as mulheres até os anos 60 eram excluídas das pesquisas lingüísticas, todos os dados coletados e todo os temas de pesquisas eram centrados em representantes masculinos, e estes estudos foram usados como padrão. Somente por volta dos anos 90 com os estudos "discursivos críticos" (Caldas-Coulthard 2000, p.276), que começaram a ser levados em consideração fatores como "o contexto social assim como os papéis sociais e as relações de poder "(Caldas-Coulthard 2000, p.278), nas pesquisas de natureza lingüísticas.

Para Caldas-Coulthard (2000), o foco dos estudos mais recentes está mais concentrado no fator diversidade, deixando a questão das diferenças entre homens mulheres em segundo plano. Assim, "A pesquisa atual tenta abandonar as dicotomias tradicionais baseadas na divisão binária e tenta levantar novas perguntas que desafiem a questão da polarização" (Caldas-Coulthard 2000, p.281). Nesse sentido, entende como "polarização das relações de gênero" a maneira como se estrutura a sociedade ocidental em que os homens desfrutam de uma posição superior em relação a quaisquer outros grupos minoritários.

Para Bakhtin (1999, p.96), "A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida". Dessa forma, na análise do discurso oral, estaremos buscando as relações de sentidos estabelecidas nos enunciados. Para este autor, a palavra discurso se refere ao processo da fala, ao enunciado, a uma seqüência de enunciados. Entende enunciado como "unidade real da comunicação verbal".

#### Identidade e Exclusão Social:

O tema identidade tem sido muito abordado atualmente, está presente nas discussões sociais e se apresenta como tema central de diversos encontros acadêmicos nas variadas áreas do saber. Isso ocorre devido as transformações que vem ocorrendo na sociedade ao longo dos anos, e conseqüentemente nossos papéis não se encontram mais absolutamente definidos e imóveis como no passado.

Para Hall (2004, p. 9), "Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX". Segundo esse autor, essa transformação afeta de forma decisiva nossas identidades, "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (Hall 2004, p. 9).

Somos seres soltando amarras que nos prendem a estereotipos previamente definidos por uma sociedade que foi feita por e para homens, que estabelecem os limites conforme interesses próprios de quem domina. Convém dizer que essa rebeldia com papéis previamente definidos não é uma tarefa fácil, tão pouco ocorre rapidamente, rebelar-se com uma identidade imposta requer tanto vontade de mudar quanto oportunidade para se estabelecer tal mudança.

Assim, para Bauman (2005), o mundo se divide entre aqueles que poderão desfrutar do "leque de ofertas" que poderão fazer as escolhas e aqueles que não têm direitos, que não farão opções, que conseqüentemente não escolherão identidades. Estas pessoas ficam alheias aos acontecimentos, às tecnologias, ao mundo globalizado, devendo então o indivíduo buscar por sua conta tentar reverter o processo de exclusão imposto pela sociedade globalizada.

Nosso país vive um contexto de desigualdades sociais. Há um grande número de pessoas desempregadas, e também faltam maiores investimentos em setores básicos como os da habitação, saneamento básico, educação e saúde. Dessa forma, temos muitas pessoas trabalhando na informalidade, e outros tantos em situação de exclusão social. Ser excluído é o mesmo que não exercer o direito à cidadania. Dentre os vários autores que tratam do tema, destacamos a concepção de cidadania apresentada por Boneti:

O conceito de cidadania é associado à idéia do ser cidadão. Cidadão é aquele que tem participação na sociedade, participação na produção, o acesso igualitário no atendimento aos serviços sociais básicos, como é o caso da educação, da saúde, da segurança etc. Cidadão é aquele que, mesmo diferente do ponto de vista cultural, físico, religioso ou de habilidades profissionais tem participação na produção e em todos os serviços básicos já relacionados (BONETI 2000, p. 34).

Para Sacristán (2002, p.145), a cidadania está em evidência, porque põe em risco a Democracia como "único regime político aceitável" que pode, no entanto, estar sendo enfraquecido por uma "erosão dos direitos sociais".

Com relação à exclusão social não é privilégio feminino, porém a exclusão de gênero é diferenciada e não ocorre somente agora em modernos tempos de mundo globalizado. Tal fato é conseqüência de uma sociedade que não foi projetada para atender seus interesses. Para as mulheres, por muito tempo foi destinado o espaço privado, ou seja, da vida doméstica e do cuidado dos filhos, o que também se caracteriza como uma forma de exclusão. Nesse trabalho, nos deteremos ao discurso de uma mulher negra catadora de lixo com idade de 55 anos, mãe, avó e esposa. Talvez também possamos dizer que ela tem sua condição de excluída multiplicada por ser mulher, negra e catadora de lixo.

#### Discussão e Resultados:

Quando nos referimos à exclusão social da mulher é necessário que se enfatize o fato de esta ser diferenciada da masculina, pois não se constitui como exclusivamente um fato contemporâneo consequência das crises sociais. A condição feminina de excluída na sociedade ocidental ocorre fruto de um sistema social que privilegia os interesses masculinos. Então, como atualmente o número de excluídos sociais tomou grande proporção, deduz-se que as mulheres sejam, ainda mais prejudicadas. Principalmente se estamos falando de uma mulher negra. Já que os negros foram muito prejudicados em seus direitos ao longo de nossa história.

Nesse sentido, pode-se dizer que a mulher negra é a mais prejudicada, principalmente se considerarmos a divisão social do trabalho, ou seja, se ela for comparada com o homem branco, a mulher branca e o homem negro. Para Kergoat (2003, p.59), "essas relações sociais se baseiam antes de tudo em uma relação hierárquica entre os sexos, trata-se de uma relação de poder, de dominação". Desta forma, nesta hierarquia as mulheres negras são anda mais discriminadas que as mulheres brancas.

Segundo Caldas-Coulthard (2000, p.281), "o problema não está na diferença entre homens e mulheres (...), mas na polarização das relações de gênero que faz com que a organização social privilegie homens em detrimento de mulheres, homossexuais e outros grupos minoritários".

Dessa maneira, mulheres e homens são educados diferentemente na vida social e isso afeta as relações de gênero. Segundo Bourdieu:

Uma apreensão verdadeiramente relacional da relação de dominação entre homens e mulheres, tal como se estabelece em todos os espaços sociais, isto é, não é só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia, leva a deixar em pedaços a imagem fantasiosa de um "eterno feminino", para ver melhor a permanência da estrutura da relação de dominação entre homens e as mulheres, que se mantém acima das diferenças substanciais de condição, ligadas aos momentos da história e às posições no espaço social(BOURDIEU, 2005, p. 122)

Então, nessa educação diferenciada, as mulheres assumem o papel de seres frágeis e no outro extremo os homens assumem o papel de fortes, mais competentes para a vida fora do lar e, para o comando e tomada de decisões estabelecendo-se, dessa forma, a assimetria entre os gêneros. Nesse sentido, o homem assume o papel de maior poder na relação entre homem e mulher, principalmente enquanto casal na vida doméstica. Sendo a figura masculina a mais expressiva, cabe a ele estipular as normas que devem ser seguidas pela mulher esposa ou companheira.

Dessa forma, salienta-se a fala da catadora de lixo quando se refere ao fato do marido não lhe permitir ficar sozinha na Casa de Cultura da Prefeitura de Santa Maria para participar do ensaio do coral, atividade compartilhada com outros catadores de lixo, "- Aqui às quintas-feiras que nós temos o ensaio do coral, o meu esposo sai do serviço e fica sentado ali na praça me cuidando, e eu tenho testemunha".

Esta senhora encarava esse fato num passado não muito distante, como um cuidado do marido, como uma atitude normal de carinho. "-Então eu pensava que aquilo tudo fosse um carinho. Não que ele andava atrás de mim. Mas ele andava é me cuidando ... e assim, né eu chegava em casa e ele: —'negra ta ta... ta, e isso , e aquilo, e aquelo otro'...e eu estava sendo era vítima daquele ciúme doentio". Pode-se perceber em seu discurso, que o marido que agia como se ela fosse sua propriedade o fazia com o seu consentimento, pois ela julgava que ele estava sendo carinhoso e protetor .

Em outro ponto da entrevista, a catadora conta um fato ocorrido quando ela participou de um desfile de um bloco carnavalesco<sup>1</sup> como uma das atividades desenvolvidas pelo projeto da Prefeitura Municipal. "- Sabes que eu fui rainha do carnaval, eu desfilei e tudo, no carnaval, nós temos o bloco da cidadania aqui. O prefeito... eu tirei uma foto ao lado do prefeito e de outro

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Bloco carnavalesco do projeto catando cidadania

senhor que eu nem sei quem é, e... ele rasgou a foto, então, eu pra mim eu pensava que aquilo tudo fosse um carinho que ele estava me fazendo, quando eu peguei uma cartilha, que eu li com muita atenção e, eu digo mas eu sou uma dessas mulheres, que eu to sendo vítima da violência e não do carinho do meu esposo.(...). Quanto mais eu lia mais eu via a realidade que estava me acontecendo."

Neste trecho a entrevistada coloca o seu despertar para uma realidade que ela não podia perceber, constatou que o marido exercia uma dominação sobre sua vida que ela considerava como uma coisa normal de quem quer proteger e cuidar. Porém, quando entrou em contato com uma cartilha produzida pela Delegacia da Mulher, que apontava através de perguntas retóricas um caminho em que a leitora poderia identificar-se como vítima de violência física e psicológica, surpreendeu-se como uma vítima e, a partir deste momento adquiriu uma postura de negação da situação que para ela era de rotina doméstica. A partir desse momento passa a refletir sobre essa identidade de mulher vítima de violência.

Quando foi questionada se em algum momento teria sofrido agressões físicas, revelou que após um almoço em família, o marido chegou a agredi-la fisicamente, alegando que ela teria cumprimentado seu genro com um beijo no rosto. "-Um dia depois que eles foram embora ele disse que o meu genro me beijou no rosto e me deu uma paulada na cabeça. A senhora sabe que criou um ovo assim... e eu fiquei três meses assim, o médico disse que eu não morri porque não era a hora". Percebe-se que neste caso o marido comporta-se mais uma vez com superioridade em relação à mulher. Porém, ela não aceita mais essa realidade e denuncia o marido à polícia.

Cabe salientar que ela deixa claro na entrevista que seu filho determinou que ela denunciasse o marido à polícia. "Aí o meu filho fez eu dá a parte (...)". Pode-se perceber que a catadora continua sob o comando masculino, nesta ocasião, não mais do marido mas do filho. Na seqüência dos acontecimentos separa-se do marido e passa a ter uma vida segundo ela de liberdade. Segundo suas palavras, ler a Cartilha para Mulher constitui-se como "uma grande experiência em sua vida", pois foi a partir dessa leitura que esta mulher passou a buscar uma nova identidade.

Nesse sentido, Scott (1995) comenta o texto de Louis de Bounald de 1816 que apontava o divórcio como uma coisa negativa, comparando as relações de gênero com a política que orienta o Estado. Para que a família mantivesse a ordem, o divórcio devia ser considerado como uma insurreição da esposa "parte fraca" contra o poderio do marido (aqui ele comparou a mulher ao

povo e o marido ao Estado). Dessa forma, o divórcio segundo esse autor, funcionaria como uma democracia doméstica, ou seja, se equivaleria a liberdade da esposa e dos filhos, portanto inaceitável.

Então, pode-se dizer que esta mulher rebelou-se contra o poder do marido, restabelecendo a condição de autonomia, isto é, não aceitou mais o comportamento do marido dominador, que oprimia, pressionava psicologicamente e, por fim, praticava violência física. Ao rebelar-se contra esta identidade imposta de mulher submissa readquiriu o controle de sua vida, se é que algum dia foi seu, já que grande parte das mulheres no passado passava do controle paterno para o controle do marido. E nesse sentido, também se pode refletir no sentido de que será que realmente essa mulher sairá desse domínio, pois há um filho que pode, no entanto, passar a ocupar o lugar que fora de seu pai no que tange ao comando da vida desta mulher.

## Conclusão:

Como já foi dito, a dominação masculina é histórica e a sociedade funciona para atender aos interesses dos homens, além dela ser governada em sua grande maioria por eles. Embora, nas últimas décadas tenha havido progresso nesse sentido, ainda são em menor número os espaços de mando ocupados pelas mulheres. No entanto, este caminho que já foi trilhado não aceita retornos, e a conquista do espaço público já se constitui como meta e fato certo, embora as mulheres não tenham dividido o espaço privado e suas responsabilidades ainda não sejam de todo compartilhadas com os homens.

Porém, há um significativo avanço nas relações de gênero, se no passado as mulheres passavam das mãos do pai para o controle do marido, hoje, se percebe que muitas mulheres já não aceitam e não se submetem ao comando do companheiro na vida privada. Elas se rebelam com esta identidade imposta pela sociedade machista, resguardando sua autonomia.

No discurso da catadora entrevistada foi possível acompanhar o seu despertar para uma situação em que ela identificou-se como uma vítima do marido dominador. Ele usava o seu poder masculino, conferido pela sociedade patriarcal, para subjugá-la, e oprimi-la tanto física como psicologicamente. Por fim, a nova postura assumida por essa mulher conferiu-lhe uma nova identidade de mulher negra catadora e liberta da dominação de um marido agressor.

### **BIBLIOGRAFIA**

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed.São Paulo: Hucitec, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi.Tradução: Carlos Medeiros.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BONETI, L.W. (coord.). Educação, Exclusão e Cidadania. Ijuí: Unijuí, 2000.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**; Tradução Maria Helena Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2005.

CALDAS-COULTHARD, C. Linguagem e Estudos de Gênero. In FORTKAMP e TOMITH. Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

KERGOAT, D. **Divisão social do trabalho e relações sociais de sexo. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres:** desafios para as políticas públicas. Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.).-São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LOURO, G. L. **Gênero História e Educação**: Construção e Desconstrução. Educação e Realidade, 20(2):101-132, jul/dez. 1995.

SACRISTÁN, J.G. Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAFFIOTI, H. I. B. **Conceituando o gênero**. In Gênero e Educação: caderno para professores. Secretaria Municipal de Educação. Fundação Biblioteca Nacional. ISBN 85-89531-01-5. São Paulo, 2003.

SCOTT, J. **Gênero: Uma Categoria útil de Análise Histórica**. Educação e Realidade, 20(2):101-132, jul/dez. 1995.